

Há vinte anos o «Cão-Tinhoso» originava polémica

Conforme recordámos há algumas semanas atrás, vinte anos são passados sobre a 1.ª edição da obra que foi o primeiro livro publicado de contos moçambicanos — «Nós Matámos o Cão Tinhoso», de Luis Bernardo Honwana.

Também, como recordámos na altura, muitas edições entretanto se registaram dessa obra e em diversas línguas. Para este mês prevê o INLD a saída de nova edição — a quarta feita em Moçambique.

«Nós Matámos o Cão Tinhoso», na época da sua primeira edição, deu origem a um agitar dos meios coloniais-fascistas, e Rodrigues Jr., na sua coluna periódica «Mosaico», pretendeu denunciar a edição como obra subversiva e não-verdadeira.

Malangatana Valente Ngwenya reagiu a Rodrigues Jr. e, em carta publicada no jornal «A Tribuna», defende o livro e assume posições difíceis para a altura — estávamos em Maio de 1964 e ninguém percebeu bem como a censura colonial tinha deixado passar a carta.

Aliás, poucos meses volvidos, tanto Luis Bernardo Honwana, como Malangatana, eram presos pela PIDE, não pela publicação do livro ou da carta, mas acusados de ligação à FRELIMO.



Rodrigues Júnior sentiu-se incomodado com o «Cão-Tinhoso».

«É um livro mau»

— dizia Rodrigues Júnior, em 1964, a propósito do «Cão Tinhoso»

Rodrigues Jr. na sua crónica habitual do jornal «Diário» — «Mosaico» — referindo-se ao aparecimento do livro de Luis Bernardo Honwana, publicado em 18/3/1964, começa por censurar o autor por mostrar uma falta de humildade que impressiona, por o mesmo afirmar na contra-capta do livro que «Não sei se realmente sou escritor», dúvida a que Rodrigues Jr. responde a seguir, «Não é com certeza. Será um dia. Agora não o é ainda». O colunista também reage contra a

declaração do autor quando diz: «sou um jornalista». «Também não é, por enquanto», responde novamente, prosseguindo, «tem jeito — mesmo um jeito raro». Paternalisticamente, R.J. dá alguns conselhos ao jovem autor, concluindo que ele «há-de crescer em idade, em sabedoria, em experiência», pelo que «até compreenderá o mal que lhe causam, metendo-o a publicar já o seu «Cão» — e a convencer-se de que a sua obra o poderá consagrar como escritor».

«Não foi apenas o meterem-lhe na cabeça de jovem sonhador que publicasse o «Cão Tinhoso», o mal que lhe fizeram», escreve mais adiante e acrescenta, «mas também o «Pôr-da-Tarde» que lhe ofereceram por homenagem, como se houvesse lugar para ela». Citando os muitos escritores, no seu entender mercedores — e eram todos nomes queridos do regime colonial fascista — que nunca tinham sido homenageados, Rodrigues Jr. acha que o aceitar da ho-

menagem «já foi vaidade» e avança que «Cão Tinhoso» eram «(...) primeiras páginas bem indecisas como não podia deixar de ser (...) não queremos falar da linguagem usada — uma linguagem feita de palavras obscenas «contrárias à decência e ao pudor». Passando ao que mais lhe interessava atacar, o conteúdo do livro, R.J. escreve: «O livro conta histórias — histórias só. Mas não conta histórias que se podem aceitar. Não são verdadeiras. O que nelas se conta é, por vezes, acusação. E acusados. Como já dissemos quem escreve deve escrever o que é certo e justo. Insistindo na mesma tónica, aponta: «Luis Bernardo sabe que foi intencional em muito do que escreveu no seu «Cão Tinhoso». Em «Dina», por exemplo, o ódio contra o capataz, assume aspectos que

conduzem a um pensamento pouco lisonjeiro da posição que o autor tomou como homem e como escritor. Posição que não seria difícil discutir e condenar, se a discussão pudesse ter lugar nas colunas do jornal, se pudessem usar da licença que o autor usou para criar o clima social e as paisagens que vivem no seu livrinho. O mundo que Luis Bernardo nos quer mostrar, não é um mundo verdadeiro». E, mais à frente, «As Mãos dos Pretos» é um conto que nunca deveria ter sido escrito» (...) «O conto Nhinguitimo» é tão infeliz (...) Não é exacto. Consiste numa acusação que penaliza ter sido feita» (...) «A conversa do Administrador com o Virgula Oito, no mesmo conto, mostra um clima de flagrante injustiça social, que não existe. Todo o conto é de uma maldade tão grande que não parece de Luis Bernardo que sabemos ser um belo moço». Firmando o seu juízo final sobre a obra, R.J. diz: «Nós Matámos o Cão Tinhoso» é um livro mau. E é um livro mau, porque conduz o leitor à presença de um mundo inventado. E o leva a conclusões que hão-de ser razão de um julgamento injusto».

Rodrigues Jr. quer que o Autor pense como ele

— resposta de Malangatana a Rodrigues Jr.



Malangatana Valente: «Pedir que se faça mais justiça»

Rodrigues Júnior na sua «mosaico», não bem decorado, do «Diário» do dia 18 de Abril passado, fala do Cão Tinhoso e do seu «Pôr da Sol». Nota-se, no comentário deste escritor mais preocupação e protesto pela homenagem que ofereceram ao autor de «Nós Matámos o Cão Tinhoso», do que pelo próprio livro e seu conteúdo. Ainda o que mais nos admira é o facto do Sr. R. J. culpar as que homenagearam o L.B. e meteram na cabeça do «Moço Bom» publicar o seu primeiro livro, e não homenagearam os Grilos, Sousa, Lobatos, etc. Dá-nos o Sr. R. J. a entender que em C. T. não há criação nenhuma de L. B. Como quem diz: escreveram-no o livro e homenagearam-no... aquele inocente moço. Gostáramos de ter percebido a publicação do seu primeiro livro. Porquê e para quê escreveu tanto livro, sem estrutura social verdadeira?

É do nosso parecer que o Sr. R. J. devia limitar-se a falar somente do «livrinho» e não das homenagens nem de quem insinuou o L. B. a escrever e a ditar o C. T. O livro não é, de facto, bom de todo porque visa muito poucos problemas. Devia focar mais fundo. As acusações, como diz o Sr. R. J., não são injustas, só são fracas. Pode crer Sr. R. J. que o mundo social que o livro relata é verdadeiro o que falta é cavar mais uns metros de profundidade para o livro ter força e uma boa base de sustentação. Isto é que falta no C.T. Não entendemos infelizmente, nada de literatura, mas achamos que quem escreve deve dizer aquilo que julgar conveniente, verdadeiro e justo, isto é, ser realista o mais possível. Para isso há que empregar qualquer linguagem. Para um bom leitor não existe «linguagem feita de palavras obscenas» existe apenas um mundo traduzido por aquelas palavras. O que o «Mosaista» quer é assim, que o Autor do C.T. tenha forçosamente uma maneira de pensar e sentir como a dele. O mundo no «Mosaista» não existe. O do L.B. é, não obstante a sua fraca amplitude. Vejamos por exemplo no «Dina»: O que o autor diz é tal o que sente todo aquele que vive sob os capatazes os quais fazem ainda coisas mais tristes, que pena é, o velho «mosaista», não conhecer que o B. conhece e nós também. Que leva a dizer o Sr. R. J. que o Sr. B. não fala dos «monhês»? Será neste livro que ele deve falar neles? Não! Só pode isso acontecer no livro que o Sr. R. J. o ajudará

a publicar em que ele terá que vasculhar folha por folha uns seus preciosos livros onde os «monhês» são acusados. Como já dissemos quem escreve, deve escrever o que é certo e justo. Falando do leijista do mato, Rodrigues Jr. «ilumina situações e não está inventando situações» porque todas as Rodrigues cantineiros e leijistas que estão para aí no mato são realidades da injustiça. É mesmo deles que nós aprendemos o pouco que conhecemos. Eles dão a realidade do mundo em que vivemos espontaneamente. Quanto à conversação com o Administrador: a conversa do Administrador com Virgula Oito, no mesmo mostra um clima de flagrante injustiça social que existe. Todo o conto é de uma bondade que parece do Luis Bernardo que sabemos ser um belo moço — Tudo quanto foca o Bernardo no conto é sincero e verdadeiro e justo, só é dito superficialmente e não profundamente como esperávamos. O que nós vimos do «mosaista» é a preocupação por o autor dizer verdades que podiam ser Verdades se dissessem mais. Nós concordamos com o «mosaista» quando diz: Luis Bernardo há-de crescer...! De facto há-de crescer para poder dizer mais coisas que estas; coisas que nos interessam desde sempre: Pedir que se faça mais justiça. Só nessa altura e até não se matará «Cão Tinhoso» mas sim uma cabeça de boi para uma daquelas festas que ninguém pode imaginar tocando o «Muntxitxi» e assim dar origem a mais «Um Mosaico». É o que dissemos.



Vinte anos depois esta mão-cheia de contos de Luis Bernardo Honwana continua a ser uma das obras válidas em língua portuguesa e uma das mais importantes da Literatura Moçambicana.

Adoptado nas Escolas, integrado em antologias — escolares e outras — publicados no estrangeiro, «Nós Matámos o Cão Tinhoso» tem sido editado em diversos países desde Portugal à República Democrática Alemã.

Em Moçambique esta é a sua 4.ª edição e, certamente que pelo sucedido às restantes, melhor é iniciarmos desde já os trabalhos de preparação da próxima. Na gravura a capa do 4.º edição.